

Moradores de vila no leste da República Democrática do Congo, região em guerra há mais de sete anos

ram um grau de segurança que permita instalar-se na Somália.

Na Nigéria, o país mais populoso do continente e um dos maiores exportadores mundiais de petróleo, a existência de cerca de 250 grupos étnicos, com línguas e culturas diferentes, também gera tensões permanentes. O sul do país, rico e de influência cristã, dominado pela etnia ioruba, opõe-se ao norte, muçulmano, com maioria hauçá.

Influência dos EUA

Os conflitos em torno do petróleo, a mais importante fonte de energia do planeta, podem crescer ainda mais nos próximos anos. As descobertas de novas jazidas contribuem para aumentar o interesse de outros países pela África. Após o processo de descolonização, boa parte das nações africanas manteve laços estratégicos com suas antigas metrópoles européias. Essa situação vem rapidamente se alterando, em favor da maior presença norte-americana.

Além do aumento na quantidade de tropas e do estabelecimento de uma nova base no Djibuti (na instável região do Chifre da África), o governo norte-americano estreitou relações com vários governos e líderes políticos.

O general da Força Aérea norte-americana, Charles Wald, responsável pelo comando africano, declarou que "a África passa a ser assunto estratégico de grande importância", pois "os EUA e o Ocidente obterão, nos próximos cinco a dez anos, 25% de suas necessidades petrolíferas no continente". Sob a diretriz mundial da guerra ao terror, os EUA enviaram tropas a vários países da região do Saara, como Mauritânia, Chade, Mali e Nigéria. Analistas avaliam que o programa treinará exércitos regionais, sob o comando norte-americano, para proteger no futuro as zonas de matérias-primas.



AFP/Helen Vesperini

resumo

África Subsaariana

Pobreza A África Subsaariana é o lugar mais pobre do planeta. Um terço da população passa fome. Metade dos cerca de 700 milhões de habitantes vive com renda inferior a 1 dólar por dia.

Mortalidade infantil Dos 27 países com as mais elevadas taxas de mortalidade infantil, 26 estão na África. Serra Leoa tem a maior mortalidade infantil e o pior Índice de Desenvolvimento Humano do mundo.

Aids A epidemia de aids diminuiu a expectativa de vida da região, que abriga dois terços do total de infectados pelo vírus HIV no mundo.

Fronteiras artificiais A Conferência de Berlim (1884-1885) definiu a partilha do continente entre os países europeus e criou fronteiras artificiais sem respeitar nenhuma diferença entre as etnias. Essa herança é o combustível de frequentes guerras civis. Os conflitos

são motivados sobretudo pela disputa em torno das riquezas naturais do continente.

Presença dos EUA Os Estados Unidos iniciaram na região uma ofensiva comercial, diplomática e militar em razão do petróleo. Calcula-se que nos próximos dez anos a África Subsaariana produza o dobro dos atuais 5 milhões de barris de petróleo diários.

Conflitos O principal conflito atual ocorre na região de Darfur, no Sudão, com 180 mil mortos e 2,2 milhões de refugiados. Na República Democrática do Congo (RDC), a guerra civil já deixou 3 milhões de mortos. Nos últimos anos, conflitos envolveram também Serra Leoa, Guiné, Libéria e a Costa do Marfim. A Somália passa por uma desagregação nacional, e o presidente e o Parlamento estão estabelecidos no Quênia.

geiras em 2003, a situação no país permanece instável. Para a ONU, o conflito está relacionado ao tráfico de armas e à exploração de recursos naturais, como diamante, ouro, estanho e nióbio. A extração ilegal de minérios tem sido uma das principais fontes que mantêm os grupos armados.

Na costa ocidental da África, nos últimos anos, conflitos armados envolveram Serra Leoa, Guiné, Libéria e a Costa do Marfim – que está dividida ao meio, com os rebeldes no controle do norte do país. No Chifre da África, no nordeste africano, a Somália está em frangalhos. Enfrenta uma década de guerra civil, que fragmentou o território, controlado por diversos grupos armados, organizados por clãs. Recentemente, secas devastaram a lavoura e deixaram a população e os animais sem alimento nem água. Um acordo com a maioria dos grupos tornou possível escolher, em 2004, um presidente e um Parlamento, mas que ainda estão no vizinho Quênia, pois não consegui-



Fonte: L'Atlas du Monde/2003

SAIU NA IMPRENSA

ONU conta 180 mil mortos em Darfur

O conflito em Darfur, no Sudão, provocou pelo menos 180 mil mortos nos últimos 18 meses. A conclusão é do secretário-geral-adjunto da ONU para Assuntos Humanitários, Jan Egeland, que divulgou ontem o número, bem mais alto que os 70 mil que as Nações Unidas consideravam anteriormente. Egeland afirmou que a estimativa diz respeito às vítimas de doença e má nutrição e exclui as mortes causadas pela violência na região. (...)

Um relatório anterior e recente da ONU afirmou que – apesar de não se tratar de uma situação de genocídio – assassinatos, tortura, desaparecimentos e violência sexual são práticas correntes e sistemáticas em Darfur e são passíveis de caracterizar o problema como de “crime contra a humanidade”.

Segundo agências humanitárias que atuam na região, a milícia Janjaweed continua a atacar civis, apesar de Cartum ter se comprometido na ONU em desarmar e desmobilizar o agrupamento árabe. A Janjaweed ataca camponeses, campos de refugiados e incendeia casas abandonadas, com o objetivo de desencorajar a volta dos deslocados.

Na verdade, analistas estimam que o número de mortes no conflito pode chegar a quase 400 mil, nos últimos 18 meses. Um problema na hora de contabilizar as vítimas é exatamente o fato de que o governo sudanês e a aliada milícia árabe Janjaweed são os principais acusados de causar a violência e, portanto, têm pouco interesse em contabilizar as agressões.

Ao mesmo tempo, o Conselho de Segurança já fez três declarações inoperantes sobre a questão e os países-

membros permanecem incapazes de fechar um acordo com relação à imposição de sanções contra Cartum. Além disso, a pequena força da União Africana na região, enviada para monitorar o cessar-fogo assinado entre o Sul e o Norte do país, no último mês de janeiro, é incapaz de dar conta da milícia árabe.

A missão recente da ONU que esteve no Sudão catalogou centenas de incidentes violentos contra civis. O relatório produzido usou o termo “violações graves dos direitos humanos” e passou a exigir a criação de um tribunal de guerra para o conflito. Em meio ao problema, especialistas tentam calcular quantas pessoas já morreram, em quase dois anos de guerra, com base em depoimentos de testemunhas. (...)



Órfãos causados pela aids no Malauí, que tem meio milhão de crianças sem pais em razão da doença, 20% delas infectadas

sul, que ficará com 50% da renda petrolífera. Como eventuais sanções econômicas internacionais podem atrapalhar as ótimas perspectivas da indústria do petróleo, tudo indica que o governo sudanês fará um esforço extra para pacificar a região de Darfur.

Outros conflitos

Uma terrível tragédia marcou o continente em 1994. Em Ruanda, habitantes da etnia majoritária hutu massacraram cerca de 1 milhão de tutsis. O conflito chegou aos países vizinhos, como Burundi e principalmente a República Democrática do Congo (RDC), o que desencadeou uma guerra civil que já deixou mais de 3 milhões de mortos.

O território da RDC acabou sendo ocupado pelos exércitos de diversos países – Ruanda, Burundi, Uganda, Zimbábue, Angola e Namíbia –, coligados a grupos de guerrilheiros. Apesar dos avanços nas negociações de paz e da retirada das tropas estran-

ções que se julgam árabes e negros na região do sul do Saara.

O conflito se agravou em fevereiro de 2003, quando grupos armados acusaram o governo, vinculado à elite islâmica do país, de ignorar a população local. Darfur é habitado por uma maioria negra, ligada à agricultura, e uma minoria nômade, que se autodenomina árabe e vive da criação de animais. O governo sudanês reagiu com violência e se apoiou na milícia árabe chamada Janjaweed, que começou uma "limpeza étnica". Aldeias in-

teiras foram destruídas. Em 2004, a pressão internacional sobre o governo sudanês aumentou, e, a partir de julho, a União Africana deslocou tropas para a região para proteger os mais de 130 campos de refugiados, que vivem em condições terríveis.

Em janeiro de 2005, o governo do Sudão comemorou o acordo de paz com os separatistas no sul do país, onde a crescente produção de petróleo se torna decisiva para a economia. Pelo acordo, nos próximos anos haverá uma relativa autonomia da região

AIDS CAUSA TRAGÉDIA CONTINENTAL

Quarta principal causa de morte por doença do planeta, atrás de ataque cardíaco, derrame e pneumonia, a aids é hoje o principal fator de mortalidade na África Subsaariana. A dimensão da epidemia é tão grande que interfere nas tendências demográficas e chega a mudá-las. Nos 38 países mais afetados, a população em 2015 será 10% menor do que seria na ausência da enfermidade. O alto custo dos medicamentos, serviços públicos de baixa qualidade e falta de orientação continuam fazendo dos africanos o povo mais suscetível à doença.

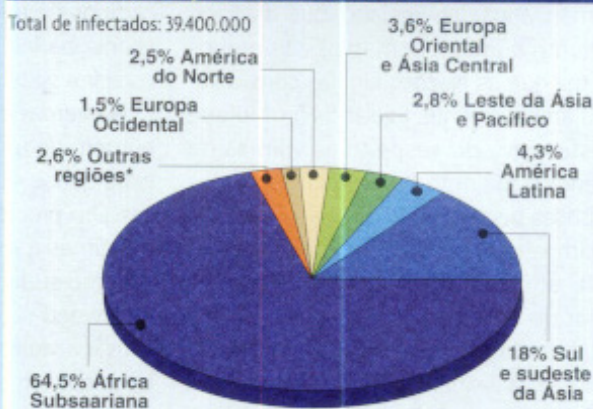
Em janeiro de 2005, Makgatho, filho do ex-presidente Nelson Mandela, da África do Sul, morreu vítima de aids. Ao contrário de esconder a causa da morte, como é comum na região, Mandela optou por chamar a atenção da população

para que se redobrem os cuidados contra a disseminação da doença. A África do Sul é o país com o maior número de portadores do HIV: 5,3 milhões de infectados.

A epidemia sul-africana é a parte mais visível do drama que atinge a maioria dos países ao sul do Saara, que somam mais de 25 milhões de infectados pelo HIV, 64% do total do planeta. Em Botsuana e no Zimbábue, a aids atinge um em cada quatro adultos. No Burundi e na República Democrática do Congo (RDC), grupos armados

recrutam crianças cujos pais morreram da doença. Na África Subsaariana, a aids já deixou mais de 12 milhões de órfãos.

DISTRIBUIÇÃO DA AIDS NO MUNDO – 2004



*Caribe, norte da África, Oriente Médio, Austrália e Nova Zelândia

Fonte: Unids



Linha de produção da maior empresa de lapidação de diamantes do mundo, na Namíbia

África continua devastada por grande número de conflitos. No oeste, centro e sul do continente, eles são motivados pela disputa em torno de territórios ricos em minérios. No Golfo da Guiné e na região do Saara, as disputas ocorrem em regiões com reservas de petróleo.

Crise humanitária

Neste momento, o conflito africano que mais chama a atenção internacional é em Darfur, no Sudão, onde há o risco de um genocídio. Ali, no oeste do maior país africano, ocorre há dois anos o que o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirma ser "a mais grave crise humanitária" do planeta.

Nos últimos 18 meses, cerca de 180 mil pessoas morreram na região vítimas de doenças e má nutrição; a violência matou diretamente outros 50 mil. O conflito, que fez 2,2 milhões de refugiados, é uma consequência das tensões entre popula-

Fronteiras artificiais

Os mapas ao lado mostram como é brutal a diferença entre as fronteiras políticas e as fronteiras étnicas e culturais no continente africano. Resultante do regime colonialista imposto por potências europeias até o século XX, a atual divisão política da África foi decidida na Conferência de Berlim (1884-1885).

Absolutamente artificial, essa divisão visava a atender aos interesses das potências coloniais, que queriam apropriar-se dos recursos naturais do continente, como ouro, terras e pedras preciosas. Desprezando a diversidade de culturas e incitando conflitos entre tribos rivais, as novas fronteiras jogaram a África em uma situação de constante tensão – mesmo após os processos de independência –, pontilhada por guerras civis, golpes de estado e conflitos étnicos e religiosos.

Em Ruanda, por exemplo, hutus e tutsis, que conviveram satisfatoriamente por séculos na mesma região, tiveram suas diferenças acirradas pelo colonizadores belgas. O auge do conflito resultou no massacre de mais de 1 milhão de tutsis em 1994. Até hoje, as duas etnias estão em conflito nos países próximos, como Burundi, Uganda e República Democrática do Congo. Outras nações com graves conflitos étnicos são Nigéria, Somália e Costa do Marfim.

||| destrinchando |||

AS FRONTEIRAS ÉTNICAS E POLÍTICAS DA ÁFRICA

A colonização europeia impôs uma divisão política muito diferente da divisão étnica dos povos do continente

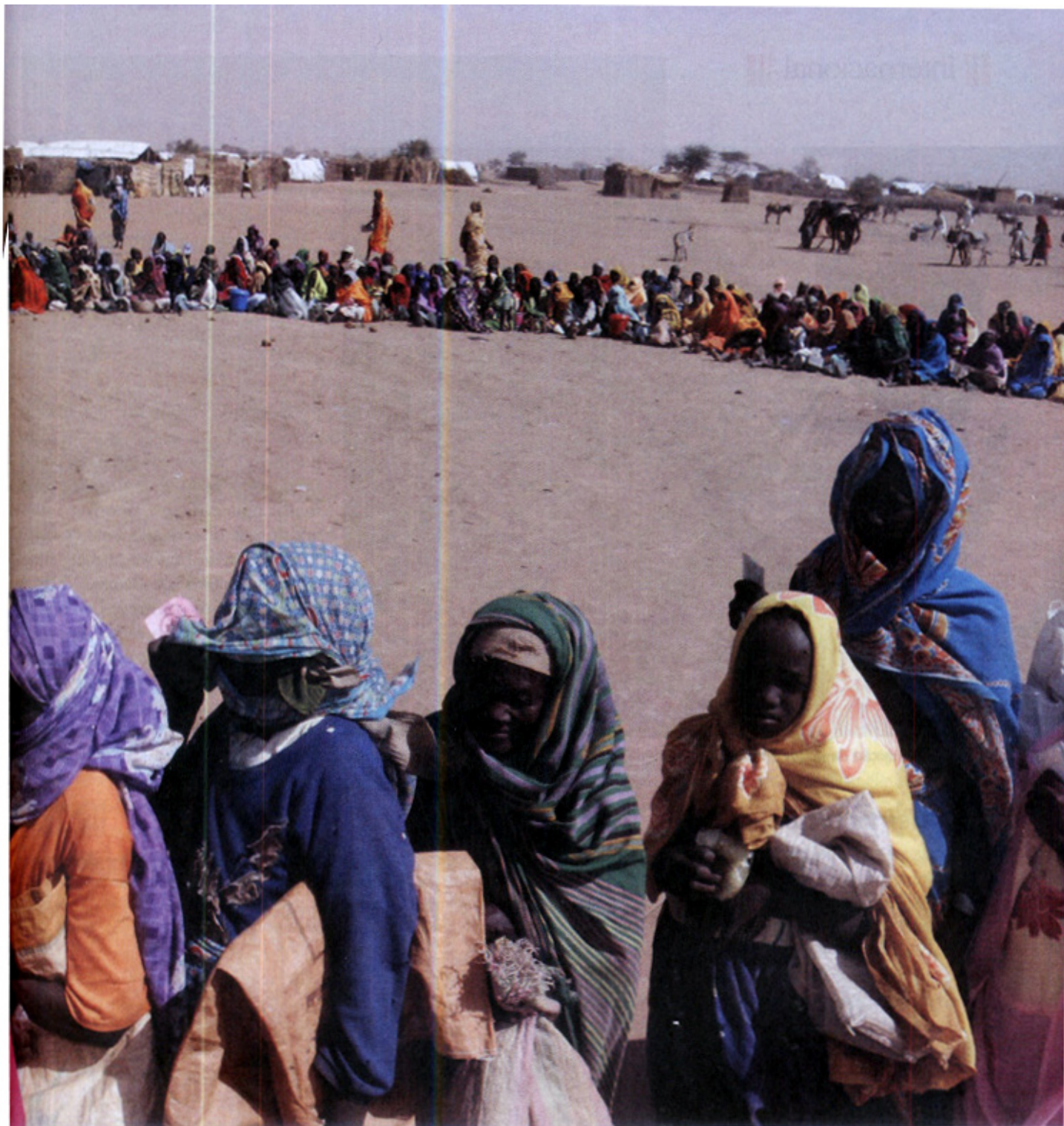
Divisão política



Divisão étnica



Fontes: Political Geography e Martin Ira Glassner



Refugiados de Darfur, no Sudão, fazem fila para receber comida de organizações humanitárias, em janeiro de 2005

cravizaram milhões de pessoas. Depois, ao definir a partilha do território entre as potências europeias, a Conferência de Berlim (1884-1885) criou fronteiras artificiais, sem levar em conta os territórios das tribos e etnias. Em sua estratégia de dominação, na verdade, os senhores coloniais acirravam os conflitos étnicos.

Como resultado, após a descolonização (entre a década de 1950 e a 1970), as guerras civis tornaram-se

freqüentes, alimentadas por disputas de território entre populações vizinhas com diferentes características étnicas, religiosas e lingüísticas. Desde essa época, cerca de 20 países já entraram em guerra interna ou externa.

No fundo, os conflitos envolvem razões econômicas. As reservas de minérios e petróleo, que poderiam estimular o desenvolvimento, funcionam, na verdade, como fonte de disputas (ver mapa na pág. 70). A insta-

bilidade permanente contribui para que as atividades produtivas mais comuns continuem sendo a agricultura e a criação de gado e para que as exportações estejam baseadas em produtos agrícolas e minerais.

Atualmente, mesmo com processos de paz avançando em vários países, como Angola, Eritréia e Etiópia, a

Continentes **devastado**

Epidemias, conflitos e miséria generalizada tornam a vida um desafio na África Subsaariana

Quando se pensa num lugar difícil para viver, muita gente imaginaria o Saara, no norte da África. É o maior deserto do mundo, do tamanho do Brasil inteiro, que faz parte da paisagem de países como Marrocos, Argélia e Egito. Mas, se você acha que ali a situação é ruim, então saiba: quem mora ao sul do Saara vive em situação muito pior.

A África Subsaariana, com 48 países, é a região no mundo com os piores indicadores de qualidade de vida. Metade dos cerca de 700 milhões de habitantes sobrevive em extrema pobreza, com renda inferior a 1 dólar por dia, e um terço passa fome. Guerras, desnutrição e epidemias como as de malária e aids matam milhões de adultos e crianças (*ver boxe na pág. 69*).

A África do Sul poderia ser considerada uma exceção no aspecto econômico, já que produz um quinto das riquezas do continente, graças à exportação de ouro, ferro, diamante e carvão e a maciços investimentos na indústria. No entanto, o país tem o maior número no mundo de casos de portadores de HIV, o vírus da aids (*ver mais na pág. 72*).

Condições de vida

A miséria da região subsaariana atinge de forma brutal as crianças. Dos 27 países com as mais altas taxas de mortalidade infantil no mundo, 26

estão na África, segundo o relatório de dezembro de 2004 do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Apenas o Afeganistão pertence a outro continente.

Em Serra Leoa, quase três em cada dez crianças morrem antes de completar 5 anos. Há sete anos, esse país está em último lugar no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Calculado pelas Nações Unidas, o IDH inclui indicadores econômicos, de saúde e de educação. O índice vai de 0 a 1. Quanto mais próximo de 0, pior a condição de vida; quanto mais próximo de 1, melhor. Os primeiros lugares estão na Noruega (0,956), Suécia (0,946) e Austrália (0,946). As últimas posições, na África Subsaariana: Guiné-Bissau (0,350), Burundi (0,339), Mali (0,326), Burkina Fasso (0,302), Níger (0,292) e Serra Leoa (0,273).

Também estão na região os 20 países que se tornaram mais pobres na última década do século XX e as 13 nações cujo IDH piorou no mesmo período. Isso se deve em grande parte à epidemia de aids, que é mais forte no sul do continente. Ela diminuiu a expectativa de vida na região, que, apesar de ter apenas 10% da população mundial, abriga dois terços do total de infectados pelo HIV. Enquanto a expectativa de vida na região era



de 59 anos no fim do século XX, atualmente caiu para 45,8.

Período colonial

Guerras civis e conflitos étnicos e religiosos marcaram o continente desde a colonização, entre o século XVI e o XX, por países europeus, como França, Itália, Alemanha, Bélgica, Espanha, Reino Unido e Portugal. As potências coloniais exploraram as riquezas naturais e es-